

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***Ortrud Monika Barth Schatzmayr***  
(Entrevista)

## Ficha Técnica

Projeto Remanescentes de Manguinhos

Entrevistada: Ortrud Monika Barth Schatzmayr (MB)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 27/02/2019

Local: Pavilhão Hélio e Peggy Pereira/IOC/Fiocruz – Rio de Janeiro

Duração: 1h20min

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BARTH, Monika. *Monika Barth. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, 2019. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 35p.

Projeto Remanescentes do massacre de Manguinhos

Deponente: Ortrud Monika Barth Schatzmayr (MB)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 27/02/2019

LM: Laboratório da Dra. Monika Barth, no HPP (Pavilhão Hélio e Peggy Pereira), no IOC, aqui na Fiocruz, eu Laurinda Rosa Maciel e Dr. Pedro Jurberg e vamos fazer uma entrevista com a Dra. Monika Barth. Hoje é dia 27/02/2019.

E, para começar doutora, nós queríamos muito que a senhora desse uma pequena e breve, ou não tão breve, como a senhora desejar, apresentação sua, seu nome todo, o nome dos seus pais, onde a senhora nasceu, os primeiros estudos e alguma observação que a senhora queira fazer, que ache relevante.

MB: Meio cronológico?

LM: É. Isso. Só para conhecer e ficar registrado isso também.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MB: Bem, eu nasci na Alemanha, dois meses depois de começar a 2ª guerra mundial e meu pai estava recrutado para a França. Minha mãe estava sozinha comigo, eu nasci em casa, ela tinha fugido do hospital, não aguentava mais esperar. Meu pai depois veio, ele teve licença para visitar a família, a filha recém-nascida. Quando terminaram duas semanas de licença, ele deveria ter voltado para a França, mas o pelotão dele estava extinto, morreu todo mundo. Eu salvei a vida do meu pai.

LM: Pois é. Que coisa incrível!

MB: Bem, isso foi o início. E aí começou então a luta e a guerra. Depois ele voltou para Berlim, ainda estudou física durante seu tempo disponível, pois ele foi recrutado para fazer serviço de meteorologia.

LM: Sim.

MB: Isso é interessante, pois eu assimilei um pouco daquilo do ele contava. Na guerra eles não tinham esses instrumentos que nós hoje temos, eles faziam vôos com aviões com fundo de vidro para fazer as medidas do ar, umidade, etc., a determinadas alturas...

Tinham uns balões meteorológicos, mas também havia o avião. Ele também havia estudado Biologia, mas estava fazendo Física, era muito interessado na parte ótica, e foi assim durante toda a vida dele.

Bem, houve a guerra, ele foi preso ao final na Dinamarca, foi para um campo de concentração na Dinamarca. Os dinamarqueses não estavam na guerra, recolheram esses

soldados com armas e tudo para o campo de concentração. Receberam comida e viveram bem até conseguir a carta de liberdade, terminou a guerra.

Meu pai veio da Dinamarca a pé para a Alemanha para voltar para casa. Eles disseram que marcharam 50 horas seguidas. Dormiam marchando, ele e os colegas. Bem, chegou em casa encontrando minha mãe, eu já tinha nascido, e meu irmão, quatro anos mais novo do que eu.

Meu pai conseguiu depois um emprego na Boehringer-Ingelheim, porque ele tinha trabalhado antes, como zoólogo, no combate a pragas de culturas, principalmente da batata pelo Reichsnährstand, órgão governamental.

LM: Sim.

MB: ...que tem o besouro que a ataca... Então se usava produtos químicos. Ele estava bem, tinha até um carro para atender as demandas, etc. Mas ele tinha um irmão aqui no Rio de Janeiro que trabalhava na Bayer. A Bayer foi fechada na guerra, o irmão foi preso, solto, ficou sem emprego, etc. e tal, mas mesmo assim meu pai e minha mãe decidiram emigrar. A Alemanha estava destruída e meu pai sempre queria ir para os trópicos para estudar zoologia. Então eles entraram em contato com o irmão dele, era tudo por carta na época. O irmão, o meu tio, enviou muito café pelo CARE, pois ele perguntava: “O que vocês querem?” Meus pais escreviam: “Café pra trocar por comida”.

LM: Ah ta!

MB: Meus pais, de moto com co-piloto lateral, iam para as fazendas, davam café e em troca eles obtinham gorduras, etc. Então a gente sobreviveu. Até que ele conseguiu uma licença de emigração e viemos. Nós chegamos aqui no Rio de Janeiro em 6/01/1950 às 10 horas da manhã para desembarcar no *Touring Club*, da Praça Mauá.

LM: Em janeiro?

MB: Janeiro.

LM: Um calor...

R: 10 horas, descendo um temporal e todo mundo com roupa de inverno.

LM: É. Imagino.

MB: Por sorte nós não fomos para a Ilha das Flores, porque meu tio nos recebeu. E o navio era um navio de guerra que o Brasil comprou dos Estados Unidos... eu tenho até as fotos dele ainda... o Duque de Caxias.

LM: Que bacana!

MB: É. Com duas chaminés grandes para transporte de tropas, então só havia dormitórios. Os dos homens eram mil homens por dormitório e das mulheres com crianças menores eram 500. Havia traliches de lona e a minha mãe dizia: “Nunca dormi tão bem na vida como naquelas camas.” Levamos três semanas de travessia do Oceano Atlântico, passando de Hamburgo pelo Golfo da Biskaya, parando em Tenerife, passando pelos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, até o Rio.

LM: Mas a expectativa de uma vida melhor? Faz com que você...

MB: É lógico! Era uma esperança. Bem, nós chegamos em 6 de janeiro de 1950 aqui no Rio de Janeiro. Meu tio tinha alugado um apartamento na Avenida Copacabana, esquina com a Xavier da Silveira, em cima do Bar Azul, sétimo andar. Então para nós era uma maravilha, só descer e ir para a praia...

LM: É. Que vida diferente.

PJ: Em paz, uma vida de paz.

LM: Paz.

MB: O Brasil era uma maravilha! O Brasil era maravilhoso, maravilhoso! Não existe mais. Aí íamos todo dia à praia. Entrei no colégio de freiras em março.

LM: É, Sacré Coeur?

MB: Não, foi o Colégio Santo Amaro em Botafogo.

LM: Ah, ta.

MB: Perto da rua General Polidoro, numa transversal, em que freiras beneditinas falavam alemão, uma ou outra falava alemão. A mãe Ângela falava alemão, dava matemática e ela foi minha professora principal e ela foi muito inteligente. Embora eu não fosse católica, fui muito bem tratada, não teve problema e sentou-me ao lado de uma menina que sabia alemão (Marlene Blum) e depois de dois meses, ou um mês e meio, sentou-me ao lado de uma que sabia um pouco de alemão só, e depois... Foi muito bom no colégio Santo Amaro. Fiquei três anos lá. Quando o boletim saiu num mês de outubro com tudo nota 10, meus pais disseram: “agora chega, “está fraco demais.”. Aí eu fiz prova paro o colégio Pedro II e passei e comecei o 3º ginásial, depois o 4º e o 2º grau também.

E: E o segundo grau a senhora fez o clássico ou fez...

MB: Não, o científico.

E: O científico.

MB: No Humaitá.

LM: Sim.

MB: Numa filial no Humaitá. Eu vi, nós acompanhamos a construção do prédio que tem hoje lá.

LM: Que beleza!

MB: Foi muito legal! Professores ótimos! Tenho boas lembranças do Pedro II. Era um colégio... e daí...

LM: E essa proximidade com a pesquisa, com a...

MB: Bem já trouxe...

LM: Já trouxe do seu pai?

MB: Do meu pai... a história é essa. Quando chegamos no Brasil, ele estava com uma carta do professor de doutorado dele (Prof. Reichensperger, em Bonn) na Alemanha.

LM: Olha, estou retornando...

MB: Fez doutorado em Bonn e o professor de Zoologia deu uma carta a ele de apresentação para contactar um padre franciscano no Convento Santo Antônio no Largo da Carioca (padre Thomaz Borgmeier, estudioso em Phoridae, insetos).

LM: Sim.

MB: Meu pai foi lá para apresentar a carta para lhe ajudar a achar um emprego. Ele estava pensando na indústria farmacêutica que era algo que ele tinha feito. O frei Thomaz não estava. Meu pai deixou recado com endereço de Copacabana. Eu não sei como, o padre Thomaz apareceu lá em casa com outros padres acompanhando ele, e claro, virou uma grande amizade.

LM: Entendi.

MB: Ele perguntou o que meu pai pensava fazer e meu pai disse assim: “Bom, procurar emprego, eu tenho família, as crianças, a mulher, etc.”. Aí o padre disse: “Não, não... você não vai para a indústria, vai ficar na pesquisa.”

LM: Hummm.

MB: Ele disse: “Eu conheço um grande pesquisador, Dr. Olympio da Fonseca.”

LM: Olha!

MB: Ele disse: “Nós vamos falar com ele.” Aí marcou com ele e foi com meu pai, aqui para o Castelo...

LM: Paro o Castelo.

MB: Para falar com o Dr. Olympio. E o Dr. Olympio perguntou: “O que o senhor fez, o que quer fazer...” “Eu estou procurando uma firma farmacêutica, arrumar emprego nessa área de Biologia, combate a pragas, etc.”. O Dr. Olympio disse: “Não, o senhor vai ficar na pesquisa. Eu vou conseguir uma bolsa para o senhor até ajeitar a coisa.”. Aí ele conseguiu uma bolsa do Ministério da Saúde por um ano. Começou aquela luta de renovar, sem dinheiro... Ih, o dinheiro era curto. Nossa, muito curto! Sem roupas... a gente veio com a roupa do corpo, era imigrante, não tinha nada. Não podia levar dinheiro, era proibido levar algum dinheiro. Nada! Proibido. Foi fiscalizado.

LM: Quando vocês vieram pra cá?

MB: Não podia levar nada. Cada um tinha um metro cúbico de bagagem, cada criança meio, de coisas que se podia despachar; minha mãe trouxe louça, talheres, umas coisas assim de casa. Exceto muitos livros, louça e roupas de cama e mesa, tudo tinha sido roubado, as caixas vazias (2 1/2 m cúbicos), provavelmente em Hamburgo.

LM: É.

MB: É, foi nossa vida de imigrante. Agora, havia praia em Copacabana...

PJ: Que coisa linda! Eu estou aqui pensando o tempo todo... você está contando eu estou vendo o seu pai, estou vendo seu pai o tempo todo... Estou vendo seu pai sentar do lado do microscópio: “Essa célula é isso, faz esse desenho...” eu estou vendo seu pai conversando comigo.

MB: É, eu comecei... acompanhei ele, de vez em quando eu vinha pro instituto, criança com ele... cortes, parafinas, corar...

LM: Você já aprendia tudo isso.

PJ: Dr. Rudolf Barth, seu pai, ensinava fazer naquela câmara lá dos insetos quase incolor... que dissolvia os pigmentos dos insetos. Era perfeito.

LM: Que maravilha!

PJ: Ensinando ótica pra mim.

MB: Coloração de nervos, etc.

LM: Esse mundo de ciência, da pesquisa, da bancada isso era a sua casa.

PJ: Estou me lembrando dele, eu adorava, adorava. Eu chegava lá sempre ele parava e me atendia o tempo todo. Mas continua que eu estou boquiaberto. Agora fazer uma pergunta. Ele tinha um livro de zoologia, acho que chamava Brehm...

MB: Der Einbändige Brehm.

PJ: Eu não lembro do nome, mas lembro que ele escreveu aquele livro que era marcante mostrando a vida dele como zoólogo.

MB: Porque eram 13 volumes que ele resumiu em um, mas isso foi na Alemanha ainda. Enquanto esperava a imigração, levou três anos para ter a licença, então ele pegou esses 13 volumes resumiu num só, sistemática de animais, em geral... e depois aqui ele escreveu um livro de Entomologia Geral, sobre histologia de insetos.

PJ: Ele tem dois artigos assim marcantes sobre histologia de técnicas, e a gente usava, era a bíblia da gente.

MB: É.

PJ: Era a bíblia da gente.

MB: Imagino.

PJ: Tenho isso na memória.

MB: Bom, agora voltando então pra minha carreira?

PJ: É.

MB: Minha mãe era dona de casa. Minha mãe nunca teve empregada...

LM: Foram dois filhos que ela teve?

MB: Dois filhos.

LM: Dois filhos?

MB: É. Meu irmão, quatro anos mais novo que eu, ainda nasceu na guerra, em 1943, eu em 1939. Bem, aí era estudar, criar as crianças e ir à praia. Sorvete tinha uma vez por mês quando meu pai recebia a bolsa; a gente ia a pé, comprava um tijolo... era tijolo, não tinha aquela lata...

LM: Ah, eu me lembro! Eu lembro disso.

MB: Era papel.

LM: Era papel.

MB: Levava pra casa e comia.

LM: Eu me lembro disso.

MB: Era uma vez por mês, era o único luxo que havia, o resto era contadinho, cada centavo. Mas, bem! Aí foi aquela vida, meus pais adoravam. Meu pai teve então contato com o Dr. Wanderbilt Duarte de Barros, era diretor do Parque Nacional de Itatiaia.

LM: Sim. É.

MB: E, eu não sei... pelo instituto conseguiram contato... e aí durante 10 anos meu pai trabalhava dezembro, janeiro e fevereiro no Parque Nacional de Itatiaia, onde eu fui criada.

LM: Ai! que maravilha?!

MB: Estava no Pedro II e nos meses de férias eu ia pro mato. Pegava o cachorro, tartaruga, papagaio...

LM: Gente, que lindo!

MB: ...Todo mundo ia pra lá. Não tinha carro, então esperava o carro do Instituto pra levar a gente, às vezes dois, três dias, o carro enguiçava, aí não vinha e a gente com a mala feita. Mas valiam aquelas férias.

LM: Que maravilha!

MB: Eu estudava lá. Em Itatiaia nós morávamos em casas que eram para hóspedes e meu pai trabalhava no Museu de lá, e fez a coleção de insetos, determinava, caçava insetos, etc., e eu comecei a colecionar plantas também para arborizar.

LM: Isso a senhora tinha... Era menina, tinha 15 anos...

MB: Nós fomos para Itatiaia eu tinha 13... Eu cheguei com 10 anos de idade no Brasil. Eu tinha 13 até 23 anos quando em Itatiaia. São 10 anos marcantes, o Parque Nacional de Itatiaia. Lindo! Desde as Agulhas Negras até as águas do Campo Belo. Eu, meu irmão... ô vida boa!

LM: Passando pelo... por todas aquelas prateleiras...

MB: Todas. Eu ia.

LM: Olha que bonito! Que maravilha!

MB: Mas seguindo então lá eu estudava nas férias e depois: “o que você vai fazer?” A família se reuniu: “O que você vai estudar depois do científico?” Bem, alguma coisa de biologia. Eu disse: “Biologia não quero, já tenho...” então ficou farmácia, ou geografia, ou química, ou botânica, aí eu fiquei na botânica.

LM: Botânica. Ah ta!

MB: Botânica. Então na época havia o vestibular, o vestibular era... sei lá como que era... ao menos eu me lembro sentada na janela lá em Itatiaia na casa estudando. Tinha os livros, somente estudava. Aí eu fui, fazer a prova na hoje UERJ e na UFRJ.

LM: Sim.

MB: Na UFRJ atual. Era o curso de História Natural, Universidade do Brasil na época.

LM: Certo.

MB: A Faculdade Nacional de Filosofia.

LM: Hum-hum.

MB: Eu estudava em Itatiaia... Quando cheguei a fazer a prova do vestibular, eram vamos dizer 100 alunos, 35 passaram, uma coisa assim, mas todo mundo quase se conhecia. E eu era muito reservada, só andava com boca fechada, toda tímida. Fui educada no Terceiro Reich, não abria a boca, só quando alguém me perguntava, era realmente uma criança estranha. E todo mundo se conhecia, menos eu. Perguntei: “como vocês se conheceram?” “É no cursinho.”, “Que cursinho?” “Cursinho vestibular.”. “Mas o que é isso?” Eu bicho do mato não sabia. Estudei, passei em primeiro lugar na UERJ e 4º lugar na UFRJ.

LM: Sem fazer cursinho?

MB: Nem saber que existia cursinho. Estudei. Tinha o programa, estudei, passei, pronto, acabou!

PJ: Você escolheu qual das duas?

MB: A Nacional. A UFRJ, a mais próxima para mim que morava no Leblon, funcionava na Esplanada do Castelo. A Tijuca da UERJ era pra mim muito contramão. Meu pai já tinha um contato, às vezes dava uns cursinhos na UFRJ, lá na universidade, acho que de genética ou zoologia...

LM: Tinha o Prof. Mello Leitão.

MB: E daí por diante. Então eu ingressei, escolhi...

PJ: Foi fazer botânica.

MB: Fiz botânica na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi, UB). O professor de Botânica foi o Prof. Dr. Karl Ahrens. Depois fiz doutorado com ele mesmo (orientador), era professor catedrático de Botânica lá.

LM: Sim.

MB: Ele assumiu-me. Ele veio daquela leva de judeus refugiados antes da segunda guerra mundial, daquela leva de imigrantes no Brasil...

LM: Certo.

MB: O filho dele depois foi pra São Carlos. Professor também, etc. O pai faleceu na casa do filho naquela cidade...

Bem, aí eu fiz os quatro anos de graduação e quando terminou os quatro anos de faculdade, fiz a licenciatura e o bacharelado no quarto ano juntos. Eu sempre pensei: tenho de fazer licenciatura? Eu não gosto de dar aula, até hoje. Mas eu pensei...

Se acontecesse alguma coisa com o meu pai, meu irmão que era quatro anos mais novo do que eu, minha mãe era dona de casa! Alguém tem que trabalhar, então eu vou fazer licenciatura de qualquer maneira...

LM: Nos momentos difíceis sempre socorreu...

MB: Quanto terminou a graduação, meu pai disse: Bem e agora? Eu já tinha bolsa no IOC. - é outra história - E aí: “Faça logo o doutorado!” “Mas ninguém faz doutorado!” Ninguém fazia o doutorado, não existia. Quem saía graduado era logo doutor em Biologia ou em Botânica, era doutora. Meu pai disse: “Você vai fazer...”.

MB: A faculdade de filosofia ficava na antiga Casa de Itália.

LM: Sim.

MB: Na Esplanada do Castelo, ao lado da Maison de France e embaixo havia o restaurante, o refeitório que tinha o arroz com feijão naquela base com barata, caramujo, tinha tudo... mas a gente comia porque era o que tinha... (perto daí, no Aterro do Flamengo, havia o bandeirão da C...???, comida muito pior)

LM: Isso foi na década de 60?

MB: Era. Eu entrei na faculdade em 58, e saí em dezembro de 1961. Em 1962 fomos efetivados aqui.

LM: Gente, a mesma história do Dr. Anibal! A mesma história...

PJ: Você também... da amostragem, nós fomos efetivados... recém-formado, você também...

MB: É. Ele falou.

PJ: Um presente, né?

LM: É.

MB: Era só um grupo de bolsistas do Instituto Oswaldo Cruz, não era qualquer um.

A Dirce (Lacombe de Almeida) ela já era oito anos bolsista. A Carlota... eram antigos aqui. Elas se juntaram, foram para Brasília para conseguir a (efetivação).

PJ: (Paulo Burnheim)

MB: Ele foi o segundo lugar na UERJ. Quando eu tirei o primeiro lugar, o Paulo foi o segundo e o prêmio, era o livro de botânica do Strassburg (escrito em alemão, Paulo sabia alemão)... mas eu não ganhei, quem ganhou foi o Paulo...

LM: Você não foi pra lá? Na UFRJ você não ganhou nada?

MB: Nada, era a quarta. Passei lá quatro anos... Bem, estava lá na faculdade, terminei a graduação, meu pai disse: “Olha, faça seu doutorado. Pergunte lá na secretaria como que é isso.”. Aí eu fui lá atrás, disse: “Meu pai disse para eu fazer doutorado”.

LM: Uma moça de 22 anos... 21... É.

MB: 22 anos. Em novembro fiz 22. Aí disseram: “É, ninguém costuma fazer.”. Eu perguntei a todos os colegas, ninguém queria: “Não, já somos doutores, somos formados”. Para que fazer isso? Ninguém queria, nem a minha melhor amiga (Norma Crud Maciel).

Bem, meu pai disse pra fazer, dizendo que um dia me serviria, então eu fiz. Ele teve razão, ele tinha uma visão mais ampla porque tinha feito doutorado na Alemanha, ele viu como a coisa progride. Aqui não estavam crescendo. Fui lá na secretaria e me disseram: “O nosso regulamento todo da Faculdade de Filosofia é o regulamento da Sorbonne de Paris.”. Eles tinham um livro, a cópia do livro da Sorbonne, desta grossura, pesado que acho que eu mal carregava, botaram em cima da mesa... E aí fui estudar com eles as regras do doutorado, o que tinha a fazer para obter o doutorado. Fomos estudando aquilo. Então eu fiz. Eu era aluna única, não existia curso, existia o projeto de tese, mestrado não existia ainda.

LM: A pesquisa.

MB: A pesquisa e as intermediárias, inclusive de línguas também e de conteúdo, isso durante o doutorado que era de três a quatro anos, uma coisa assim na época. Mestrado não existia.

Aí eu me inscrevi logo em março de 1962 e comecei a trabalhar com pólen. O meu segundo orientador foi daqui, uma pessoa esquecida aqui do Instituto Oswaldo Cruz, chamava-se Eng. Agr. Henrique Pimenta Veloso.

LM: Hum-hum.

PJ: Que era um sujeito espetacular.

LM: Conheço de nome.

PJ: Era um doce de pessoa.

MB: Ele fazia Ecologia. Era chefe da Sessão de Ecologia, era único. Então ele foi meu orientador. A gente já tinha tido contato com o Jardim Botânico, com o doutor Raul Dodsworth Machado, que depois foi do Instituto de Biofísica do Fundão, UFRJ. Ele estava importando o primeiro microscópio eletrônico de transmissão (não existia aqui ainda um microscópio eletrônico de varredura) para pesquisas no Jardim Botânico.

Então eu fiquei durante dois anos e meio fazendo a tese de doutorado com a idéia (assunto escolhido) pelo Dr. Veloso e a execução em parte aqui no IOC em microscopia ótica e a

eletrônica com o Dr. Raul Machado, com o qual eu aprendi tudo, desde cortes ultra-finos, a revelar filme, a fazer tudo, tudo, tudo até o final, a imagem em papel das micrografias eletrônicas.

Então levei dois anos e meio para fabricar essa tese; defendi sob a orientação do Dr. Veloso. Para a banca veio Dr. Aylton Joly de São Paulo. Foram da banca ainda o Dr. Raul D. Machado e o Dr. Milanes, Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Virei doutora no papel em outubro de 1964.

PJ: Provavelmente, com certeza, de todo o grupo, mas provavelmente uma das primeiras doutoras, porque você abriu o caminho pro doutorado. Quando ninguém falava em doutorado.

MB: Não havia. Porque em 1963 começou ser mudado o sistema...

LM: De educação.

MB: De educação todo e entrou a lei de diretrizes e bases e tinha começado o mestrado e doutorado.

LM: hum-hum.

MB: Aí vocês entraram em sofrimento porque ninguém tinha mestrado e doutorado.

LM: É.

MB: Aí conseguia-se às vezes fazer mestrado no Rio, mas doutorado tinha que fazer em São Paulo, porque não tinha no Rio ainda. Então a minha geração fez doutorado em São Paulo...

PJ: Bem mais tarde.

MB: Bem mais tarde.

LM: 30 anos depois.

LM: É muito tempo.

MB: E aí eu tive sérios problemas aqui... Bem, agora é outra historinha. Quando eu terminei o doutorado eu pedi uma bolsa pro CNPq para um ano na Alemanha.

LM: Eu imagino que a senhora deve ter sido alvo de muita cobiça.

MB: É, mas já estou tão acostumada.

PJ: Tem couro de elefante.

LM: Porque imagino! Que bela trajetória...

MB: Porque eu não faço parte de panela, nunca fiz parte de grupo, sempre foi meu nariz.

LM: Hum-hum,

MB: Sempre fui criada assim com meus pais. Meu pai: “seja independente”. Até hoje é isso. Com isso você se isola.

LM: Mas te dá segurança, autonomia...

MB: Pois é. Cada um escolhe seu caminho.

LM: Pois é.

MB: E forma sua opinião, mas então eu terminei o doutorado... já tinha o título, coleí grau, ata, tudo direitinho, a sessão solene... eu me formei lá na Casa de Itália ainda, ainda não tinha mudado pro Fundão.

Aí foi que eu pedi a bolsa do CNPq de iniciação científica, uma vez que não tinha terminado a graduação. (Lembrem-se da D. Olga, secretária todo poderosa do CNPq, ainda na Esplanada do Castelo, no Rio?) O pedido de bolsa de pós-doutorado para a Alemanha, foi indeferido, a segunda fez também, pois eu ainda não tinha terminado o doutorado; sempre eles disseram: pede, pede... Aí eu tinha terminado o doutorado, a tese defendida, tudo certinho, aí encontrei com o Dr. Firmino do CNPq.

LM: Sei.

MB: Firmino do CNPq, ele me encontrou na rua, não sei onde, ele disse: “O que você está fazendo?” “Ué, eu estou no instituto fazendo pesquisa de pólen e eu quero ir para Alemanha, mas não consigo bolsa...”... ele disse: “Pede. Agora você vai conseguir.”. Está bem! Pedi de novo e consegui.

LM: Aí você foi para a Alemanha.

MB: Aí fui para a Alemanha com a bolsa e nesse mesmo tempo, eu já era casada, o Hermann pediu uma bolsa para o governo alemão, (DAAD) e conseguiu, então fomos juntos. Eu com a bolsa do Brasil... a alemã com a Bolsa do Brasil e ele, brasileiro, com a bolsa da Alemanha.

LM: Ao contrário.

PJ: O Hermann era um sujeito excepcional! Como você conheceu o Hermann?

MB: Ué! No IOC!

PJ: Mas conta assim, detalha...

LM: Conta a história.

PJ: A Ottilia Mitidieri contou como ela conheceu o marido dela que trabalhou aqui em Manguinhos, eu acho espetacular. Me conta um pouco se você se sentir à vontade, conta.

MB: É uma outra história, deixa eu terminar essa da minha graduação...

PJ: Tá. Está bem.

MB: Deixa eu só terminar essa história eu vou pro Hermann, que é outra linha... Então eu consegui a Bolsa para a Alemanha e o Hermann também. Pedimos licença, autorização, e o diretor aqui era o Dr. Rocha Lagoa e ele disse: NÃO.

LM: Não?

MB: “Vocês não vão, vocês têm que fazer o curso de Manguinhos.”. Eu falei: “Mas eu sou doutora. Espera aí! Eu não vejo lógica se tiver que estudar bacteriologia, helmintologia, não sei o que, eu estou com a cabeça em outra, eu estou noutra, eu estou longe disso.”. Olha, o homem ficou uma ferra! Foi uma briga, briga, a nível de ministro.

LM: Eita!

MB: Porque o Hermann conhecia muito bem o Dr. Edmar Terra Bloes (da ENSP), e ele gostava muito do Hermann, sabia quem era o Hermann; ele estava na Virologia do IOC. Bem, aí foi briga e requerimento, briga e requerimento, nós dois com a bolsa não podendo sair...

LM: Meu Deus!

MB: O Rocha Lagoa não deixava... aí o Hermann foi falar com o Bloes. Este disse: “Deixa comigo.”. E o Bloes era muito amigo do ministro, eu não sei o nome do ministro agora.

LM: Hum.

MB: O Bloes foi falar com o ministro, o ministro mandou um bilhete pro Rocha Lagoa e nós fomos. Só assim, só assim. E pelo IOC, é uma história dura aqui dentro. Mas não me assusta nada aqui dentro. Então foi... Aí nós fomos para a Alemanha e lá a gente poderia ter ficado, ofereceram emprego a vontade, escolher o que queríamos, mas nós queríamos voltar para o Brasil. Não dá! Os trópicos, o sol, aquela vida (de pioneiro científico) aqui era uma vida boa no Brasil, era seguro ainda. A gente era não muito pobre, mas de classe média, média para baixo financeiramente.

LM: Tinha uma vida confortável.

MB: Tinha uma vida confortável, uma vida boa. E a pesquisa que agradava.

LM: Sim.

MB: O ambiente?

LM: Eu acho o mais importante. Dinheiro não é tudo.

MB: Então voltamos... voltamos... para finalizar, eu voltei para o Veloso, para o laboratório de Ecologia e o Hermann para o laboratório de Virologia que estava no Pavilhão da Rockefeller, no térreo... E quando chegou lá...

LM: O Hermann a que a senhora se refere é o Dr. Hermann Gonçalves Schatzmayr?

MB: É.

LM: Ah! A senhora foi casada com ele? Ah, eu não sabia. Eu não sabia. Está falando Hermann, Hermann... agora quando a senhora falou... que legal!

MB: Pois é, aí o Hermann voltou para o laboratório de Virologia, quer dizer eu voltei também; então havia um recado do Rocha Lagoa que ele não poderia mais exercer as funções dele ali, para ele procurar outro laboratório.

LM: Pro Dr. Hermann?

MB: É. Bem, o que vamos fazer? Bem, o Hermann conhecia o Bloes, foi lá para a ENSP. O Sérgio Coutinho estava implantando o Departamento de Ciências Biológicas na ENSP e precisava de gente: “Hermann, vem pra cá!” Ganhou o dobro do salário que ganhava no IOC, ele foi para a Escola.

LM: Meu Deus!

MB: Aí implantou a Virologia no Departamento de Ciências Biológicas da ENSP.

PJ: Rocha Lagoa tinha influência na Escola também? Ou não...

MB: Não.

PJ: Ele era só diretor do Instituto?

LM: Não havia Fundação...

MB: Não havia Fundação.

LM: Não tinha Fundação e ele ainda não era ministro, daí ele perdeu toda essa...

MB: É. Quando ele ainda não era ministro, era diretor do instituto, o todo poderoso. Então meu pai para falar com ele... por que na época se você queria um material, umas pinças, corante, tinha que falar com o diretor, fazer o pedido a ele, etc., não era oficializado, padronizado, às vezes meu pai tinha que esperar duas horas ou mais na porta para ser atendido, ele estava lá dentro conversando. Meu pai tinha uma persistência também, vou te contar.

LM: O Rocha Lagoa foi uma experiência dura, e... Bem e depois foi até ministro?

MB: É, passou pra ministro. Ele era mau mesmo. Bem, aí acabou, o Hermann foi para a ENSP, ficou lá muitos anos...

LM: A senhora ficou no IOC?

MB: Eu fiquei com o Veloso na Ecologia até virar Fundação, o Instituto dentro. O Veloso se aposentou já antes, eu fiquei com a chefia, responsável pela Ecologia. Quando virou Fundação, a Ecologia foi extinta, a Microbiologia não foi extinta, vários setores de Biologia não foram extintos, (outros sim como também a Hidrobiologia do Dr. Lejeune)...

LM: Mas foram agregados a outros...

MB: A gente podia ir para outro laboratório, migrar ou então eu poderia ir, como eu era botânica, para o Museu Nacional ou ir para o Jardim Botânico.

LM: Entendi.

MB: Mas eu morava na Ilha, tinha meus filhos pequenos, a vida toda lá formada, o Hermann aqui etc., eu disse: “Não, eu vou ficar.”. Como eu fazia microscopia eletrônica, isso aqui também foi um pulo do gato. Então eu caí na microscopia eletrônica. Essa é outra história longa que não dá para contar agora e entrei na Virologia por causa da microscopia eletrônica. Quem me queria muito era o Dr. Sílvio Celso e outros para Chagas. Em Chagas havia muita gente, eu não gosto de muita gente, eu não fui.

LM: Não?

MB: Não! Eu disse: “Não vou. Eu não vou, não sou de Chagas.”. Aí o Hermann disse: “Então vem para a Virologia e implante a microscopia eletrônica”. Por que na Virologia estava nascendo a identificação dos vírus pela microscopia eletrônica, o que você não vê no microscópio comum.

LM: Hum-hum.

MB: E como eu tinha muita experiência em microscopia eletrônica mesmo, então eu topei. Havia um lugar lá no Departamento de Virologia no prédio Rocha Lima, um depósito de reagentes. Aí me botaram... tinha uma mesa encostada, eu sentei no depósito de reagentes e comecei lá. É outra história que leva dias pra contar.

MB: Pode deixar história gravando se quer.

PJ: Vamos ouvir. Agora, uma coisa que vai me sensibilizar e eu acho importante nesse momento que nós estamos vivendo na Fundação a valorização das mulheres, etc., mostrando que houve um papel, mas que os homens não deixaram, etc., e tal... e esse encontro das pessoas me interessa particularmente. Como é que você encontrou o Hermann?

MB: O Hermann. Então, vamos voltar ao tempo de bolsista do IOC, bolsista do Ministério da Saúde, MS, lotada no IOC.

Então nós queríamos a efetivação, queríamos entrar pro quadro.

LM: Sim.

MB: Então a Dirce, a Carlota, (e Maria Luisa?), essas bolsistas mais antigas... eu era uma menininha novata, toda tímida, mas eu tinha que participar, participava. Então fazíamos umas reuniões no Castelo, ou na Casa de Chá, havia lá os lugares onde se podia reunir e juntava um dinheirinho também para elas comprarem passagem e irem pra Brasília. Foram três meninas, mulheres.

LM: Sim.

MB: A Carlota, acho, a Maria (Luisa?), eu não me lembro muito bem dela, e a Dirce Lacombe. Essas três assumiram um grupo de 44 bolsistas do IOC e foram para Brasília (várias vezes) lutar lá no Ministério para conseguir a efetivação, era o futuro do instituto.

LM: Claro.

MB: E a gente era bolsista. E todo ano a bolsa não vinha.

LM: Hum-hum.

MB: Era terrível, não pagavam!

LM: E renovação também?

MB: É.

LM: Era muita instabilidade?

MB: E o dinheiro entrava, mas o administrador, não sei quem, ele não era da direção não... ele não soltava o dinheiro. As bolsas entravam, em geral o dinheiro em abril e maio, eles não pagavam a gente. Eu sei que um ano a Dirce e companhia lá foram para o Globo denunciar que o dinheiro estava lá e não estavam pagando aos bolsistas, era outubro...

LM: Ai, meu Deus!

MB: Como era o nome do chefe do almoxarifado? (Sr. Amilar)

LM: Era o seu Amilcar?

PJ: Não, não era o Amilcar não.

MB: Não.

PJ: O Amilar era da administração.

MB: Ham.... E casado com a Dona (?) não sei o que... Ah, eu não lembro agora. Os outros devem lembrar desses nomes, eu sou ruim pra lembrar. Pergunte a Delir (Correia Gomes) e... eles devem saber... sobre eles que seguravam o dinheiro.

LM: Hummm.

MB: E pagaram a gente só quando fomos para o Globo denunciar, as meninas foram e as mulheres batendo mesmo.

LM: Sim.

MB: Porque os homens... até hoje você não recebe um centavo aqui dentro. É tudo virtual. Você recebe do CNPq aqui dentro, da FAPERJ...

LM: Hum-hum.

MB: E então a gente conseguiu esse dinheiro das bolsas.

Bem, aí nessas reuniões para conseguir a nossa efetivação todo mundo sentado na mesa, eu tinha meus 20 e poucos anos, estava fazendo doutorado... Olhando assim os colegas em volta, as meninas... olhando assim, bem cabeça alemã.

MB: Eu pensei: “O único que presta é aquele grandão...”

LM: Nossa, senhora!

MB: A reunião era no refeitório da Asfoc, hoje no primeiro andar, também fizemos reunião lá. Aí Hermann (futuro presidente da Fiocruz!)... e conversando, a gente saía, eu saía... mas eu não queria nada...

LM: Todo mundo jovem?

MB: Jovem. Eu fazia escalada pesada.

LM: Nossa!

MB: Eu não queria saber de namorado, de homem, de nada, eu era selvagem, selvagem de Itatiaia, mas o Hermann não desistiu. É. Aí a gente foi se encontrando, fui levando ele para casa, aquela coisa toda e aí casamos.

LM: No ano em que a senhora se doutorou?

MB: Não, em 1965. Me doutorei em 1964, em outubro, casamos em novembro de 1965. Em dezembro de 1965 conseguimos viajar para a Alemanha.

LM: Sim.

MB: Três semanas depois praticamente quando saiu a autorização para a gente poder viajar.

LM: Hum-hum.

MB: Aí voltamos em dezembro de 1966.

LM: Certo.

MB: Voltamos pra o Brasil, com aquela outra história.

Então eu conheci Hermann nesse tempo e há histórias engraçadas. Uma falta de dinheiro crônica. Mas éramos jovens, levávamos na esportiva.

LM: Pois é.

MB: Eu sei que ele tinha um carro velho, um velho Skoda. Conseguiu, não sei com que dinheiro comprar um Skoda. A gente não tinha recebido ainda os atrasados, foi antes. E fomos numa viagem lá para Teresópolis, a gente viajava pouco, não tinha dinheiro para gasolina, furou o segundo pneu....

LM: Caramba!

MB: Era tudo recauchutado pela 3ª, 4ª vez. A gente se arriscava. É, foi. Foi. Eu e o Hermann vivemos muito bem juntos, 45 anos quase. Nunca brigamos. Coisas inteligentes. Cada um... “Vamos resolver isso.”. Sempre assim, nunca deu uma discussão, uma briga... houve diferença de... às vezes ele gostava de verde, eu gostava de amarelo então vamos fazer vermelho, pronto acabou. Resolvia-se os problemas, a gente viveu resolvendo os problemas da pesquisa e também da vida particular.

PJ: Que coisa linda.

LM: Que coisa bacana!

PJ: Espetacular.

MB: Morreu... infelizmente morreu cedo.

LM: Que pena!

MB: Foi o meu melhor... era um amigo, era amigo mesmo.

PJ: Monika, naquele tempo...

LM: A senhora teve quantos filhos?

MB: Dois.

LM: Dois filhos.

PJ: Fala um pouco dos seus filhos, seus filhos um está na Alemanha...

LM: A senhora falou que um está na Alemanha.

MB: É, eu tive... casamos, fomos para a Alemanha, voltamos, aí custei a engravidar, aquele transtorno todo, aí a médica disse... não lembro quem foi a médica (Dra. Hildegard Stolz, do Amparo Feminino), mas ela disse: “toma anticoncepcional.”. “O que é isso?” “É pra evitar filho.” Foi inventado, desenvolvido para ter filho, a mulher que não tinha filho tinha que tomar isso. “Está bem.”. Aí tomei. Aí engravidei.

MB: Três filhos. Nasceu o primeiro filho em 1968. Em dezembro de 1966 voltamos, em 1967 nada, em 1968 em junho no meio do ano nasceu o primeiro filho. Esse que está na Alemanha agora.

LM: Esse que está lá.

MB: Aí queríamos ter dois filhos, aí no outro ano outro filho, mas não vingou, de oito meses, morreu de placenta prévia.

LM: Hum-hum.

MB: Eu quase fui também, mas consegui escapar; no outro ano em novembro nasceu minha filha.

LM: Legal.

MB: Aí eu disse: Chega! Um casal está ótimo.

PJ: Como é o nome dela?

R: Betina.

PJ: Betina.

MB: E nesse tempo dessas três gravidezes seguidas, três anos, eu não podia trabalhar, não deveria trabalhar com pólen, porque usa muito ácido sulfúrico, ácido acético, clorofórmio. Por sorte encontrei um revendedor de mel, que me procurou no Jardim Botânico. Eu comecei a interessar-me por mel, comecei a estudar, trabalhar o pólen que as abelhas coletam, etc. Aquilo me envolve até hoje, e escrevi um livro.

LM: Que legal!

MB: Levei um tempo tranquilo. Escrevi as primeiras publicações sobre pólen no mel, apareceram nos anais da academia; depois juntei tudo, eu queria editar como livro, mas ninguém queria pagar. Aí o Hermann...

LM: Resolveu publicar.

MB: O Hermann disse: “Não, a gente procura uma gráfica e publica”. Pagamos, o dinheiro era de 10 mil cruzeiros. Era uma fortuna, mas publicamos. O Hermann topava essas coisas, também me incentivava muito.

LM: Que bom!

MB: Imprimiu-se o livro. E havia em 1989 um Congresso Internacional de Apicultura no Rio Centro. Num stand lá, de uma pessoa que eu conhecia, eu falei: “Eu estou com esses livros aí.” “Monika, você vai vender isso já! Traga os livros.”. Levei uns livros para lá. Só naquele dia e no outro dia em que ele fez o lançamento na UERJ, ele cobrou 40 cruzeiros da vida por exemplar, sei lá o que, eu recebi tudo de volta...

LM: Olha!

MB: Zerou.

LM: Legal!

MB: Que coisa boa.

MB: O livro “O Pólen no Mel Brasileiro” é usado até hoje. Pesquisa básica.

LM: Que coisa bacana!

MB: Até hoje. Anos depois eu ajetei o livro, coloquei na rede, ele está disponível na rede, é solicitado via rede. “O Pólen do Mel Brasileiro”, aparece no Google na hora.

LM: Que beleza!

PJ: É o espírito comunitário.

O Monika, naquela época nós não falávamos, quer dizer, havia essa integração de querer ser contratado, mas não se falava de política, falava? Não tenho a menor idéia.

MB: Não sabia mal quem era presidente. Nada.

LM: Que coisa incrível isso!

PJ: Eu conto isso para ela que não acredita.

MB: É verdade.

LM: Inacreditável, Dra. Monika!

PJ: Totalmente alienado. Eu nem sabia o time - eu trabalhava com o Hermann – o Hermann Lent, não sabia o time de futebol, ele entrava, tomava café, me puxava a orelha, e pronto. Ia ao laboratório do teu pai, ele sentado no microscópio, conversava comigo coisas...

MB: A gente conversava muito porque a gente entrava cedo, 8h. Saía às 5h... era livre assim, às vezes havia ponto de frequência, às vezes não era cobrado o ponto, mas também se conversava, havia muito contato pessoal.

PJ: Mas não...

MB: Política não.

PJ: Em política não se falava.

MB: Eu nem sei o que a gente conversava...

PJ: O que?

MB: Comida?

PJ: Não. Fofocas.

MB: É.

PJ: Eu disse isso para ela, cada um lia um jornal, ninguém nem sabia... talvez atendesse... tinha o Globo, tinha Correio da Manhã.

LM: Jornal do Brasil.

MB: A Noite, o Jornal do Brasil.

PJ: Jornal do Brasil.

MB: E o Correio da Manhã. O Jornal do Brasil era da esquerda.

PJ: Era da esquerda. Era um horror você ler o Jornal do Brasil...

LM: É.

PJ: ...acusar a pessoa disso...

MB: ninguém tinha nada com isso, ninguém era...

PJ: Então eu vou te fazer uma pergunta aqui. Você acha que a cassação foi política ou foi por esse gênio mau do Rocha Lagoa? Você acha que tinha um motivo político ou do Rocha Lagoa?

MB: Eu não sei. O Rocha Lagoa, ele era meio psicopata e acho que ele juntou as duas coisas, ele juntou o poder dele como ministro e uma vingança que, se ele pudesse me cassar, ele teria me cassado, com certeza.

LM: Se tivesse motivo ele teria.

PJ: Mas não era jovem demais pra ele...

LM: É. Então ele pegou mais o pessoal já...

MB: Já consolidado. Já consolidado dentro do IOC.

LM: Exato.

MB: Então ele se vingou. Para mim foi uma vingança porque tinha entre os 10... o Goto, parece que tinha um pouco de tendência. O japonês..., o Goto era o japonês.

PJ: Masao Goto era o japonês. Tem o Dr. Domingos...

LM: Domingos.

PJ: O Perissé...

LM: O Doutor Haity não.

MB: O Perissé não sabia nada disso! O Perissé entrou de gaiato, ele tinha assinado um documento... pegaram esse documento e pegaram esses então...

PJ: Vou te perguntar uma coisa pra minha pesquisa: o Olympio da Fonseca conseguiu ler esses inquéritos, mas chegou à conclusão que não tinha nada. Dois anos antes do retorno dos pesquisadores ele foi pro jornal, eu não sei se era Jornal do Brasil, mas ele fez a reportagem dizendo assim: "Olha, o pessoal entrou de inocente, não tinha nada absolutamente nada." E o Olympio da Fonseca era uma das poucas pessoas que tinha o perfil que eu acho que era de pesquisador, ele era culto, ele era muito culto, muito inteligente, publicava a beça, tinha motivos pessoais por que o Herman Lent brigou com ele...

MB: Ah sim! Era.

PJ: Mas ele não deixou que os motivos pessoais influenciassem o julgamento dele. Era uma pessoa especial.

MB: Era.

PJ: Ele era especial, ele tinha suas tendências, suas coisas, mas não deixou. E, olha, e ele tinha motivos porque a briga que ele teve com o Herman Lent...

LM: Com o Dr. Lent foi uma briga...

MB: De anos?

PJ: Foi puxada e ele escreveu: "Esse pessoal deveria..." dois anos antes ele escreveu no jornal que eles deveriam ter retornado.

LM: Hum-hum.

PJ: Bem, acabou a parte política da nossa entrevista.

MB: Não, a conversa não era política... Gente cassada? O que é cassado? É querer botar o pessoal para fora? Quer dizer, não entra na cabeça da gente.

PJ: De todos nós.

MB: Nós éramos muito mais ligados à pesquisa do que...

LM: E foram laboratórios que tinham uma visibilidade...

MB: Sim.

LM: Muito grande na época.

PJ: Era o pessoal que trabalhava.

MB: Era. Que levava o Instituto.

LM: A instituição. Exatamente.

PJ: O Monika, o que você faz atualmente?

MB: Muita coisa.

PJ: Aqui, ou lá, onde você quiser. A outra pergunta é o seguinte: Qual é o seu legado? Quer dizer, a gente vai embora e aí a gente deixou pra trás, por exemplo, você deixou esse livro que até hoje é um marco, querendo ou não, você abandonou, mas é um marco, é um legado. Não foi publicado pela instituição...

MB: Não.

LM: Mas você deu pro mundo. Agora aqui, o que você...

MB: Que é também para aqui. Quando acabou a botânica, aí o Vinícius da Fonseca que foi o primeiro presidente...

LM: Quando acabou botânica foi quando a senhora foi para a microscopia eletrônica.

MB: Fui pra microscopia eletrônica.

LM: Na ENSP.

MB: Na ENSP não, a microscopia eletrônica foi aqui no IOC.

LM: Ah, mesmo no IOC.

MB: Doaram o primeiro microscópio eletrônico para cá. Nessa época meu pai faleceu, eu como contrapartida, como falava alemão, entrava em contato com eles que doaram, etc.. Mas eu já fiz isso antes (a microscopia eletrônica). Em 1984 já publiquei o primeiro trabalho básico, mesmo eu ainda na Biologia, mas eu usava o microscópio no Fundão, na Biofísica...

LM: Certo.

MB: Eu tive livre acesso, era cria do Dr. Raul Machado, até hoje; se eu quiser chamo o pessoal que me conhece ainda lá. Bom, por que a gente ia falar isso?

PJ: O seu legado, você disse que...

MB: Ah, o legado. Extinta a Secção de Ecologia, eu disse: vou ficar na microscopia eletrônica fazendo vírus. Vírus também é pequeno, redondinho... o grão de pólen é um pouco maior, redondinho, um era no microscópio comum e outro na eletrônica. O pequeno redondo, eu faço em virologia.

Aí comecei do zero, zero, zero fazer então a morfologia, identificar vírus em líquidos. Os outros laboratórios do Departamento de Virologia em geral preparavam fezes, sangue, não sei mais o que, líquidos de animais também, mas principalmente de humanos para detectar rotavírus, vírus da hepatite, pólio, etc. Esses vírus todos eu preparava, levava para o microscópio, fotografava. Então eu tenho uma coleção de negativos em microscopia eletrônica com esses vírus todos.

LM: Hum-hum.

MB: Os jornalistas da COC querem até ver se conseguem recuperar, não, digitalizar para manter essas fotos.

LM: Sim.

MB: Mas assim, então eu... bem, comecei então fazer isso usando o microscópio da Biofísica. Tinha horário para ir lá, fotografava, eu sabia fazer tudo. Não dava trabalho a eles...

LM: Você chegou a ser docente na UFRJ ou em outro lugar?

MB: Também, também.

LM: Foi também. Pois é, porque a senhora não falou...

MB: Mas vamos aos vírus.

LM: Sim.

MB: É legado. Eu tinha um monte de micrografias eletrônicas de vírus. Em 1986 entrou dengue na população aqui.

LM: Sim.

MB: Foi o Dengue 1, tipo 1, dengue 1. No laboratório em cima (hoje em cima do meu no HPP), que estudava o vírus da dengue, o da Dra. Rita Nogueira (e da Dra. Ana Bispo atualmente), eles tinham o material, recebiam o soro dos pacientes, eu o recebia e então comecei a estudar. Inoculava, eu tinha uma técnica, os técnicos inoculavam em células, eu observava então na microscopia eletrônica. Aí eu vi que quando eu olhava dentro da célula era tudo diferente do que estava na literatura lá da Ásia e da Europa, sei lá de onde. Eu não concordei com aquilo, o que eu via não era isso. Aí fui fazendo, diferente, estudando dengue em célula, e eu tinha um monte de fotografias, quando eu me incentivei “eu vou fazer um livro.” Na minha cabeça, eu estava no meu carro dirigindo num engarrafamento... “por que essas fotografias... eu tenho que deixar para alguém.”. De que jeito? Legado.

LM: Hum-hum.

MB: Na minha cabeça. “É, vou fazer um livro.”. Está bem. Então eu sentei lá verificando o vírus que entra na célula, quando replica na célula, como sai da célula, as diversas etapas. De cada uma eu tinha pilhas de fotos, fui escolhendo, escolhendo, escolhendo, deu 150 fotos e não tenho dúvida, é isso aí o ATLAS. Aí o pessoal me cortou o pescoço.

LM: Eita!

MB: Tive a resposta de um colega, eu gosto dele, uma resposta naquela inveja! Ele disse assim: “agora eu sei para onde vai o dinheiro do Instituto.” (A Editora da Fiocruz não tinha aceito editar o Atlas.)

LM: As pessoas podem ser tão cruéis?

MB: Depois outro falou quando o Hermann faleceu: “Monika, o que você está fazendo aqui ainda?” Eu disse: “Pesquisa.”

LM: Hum.

MB: Por isso que eu digo, eu tenho uma história dura.

PJ: Deixa eu apertar sua mão aqui, querida!

MB: Eu não devo falar muito.

PJ: Você é uma vencedora. Que história bonita!

MB: Eu tenho.

PJ: Mas que história bonita!

MB: Eu sou quietinha, não brigo.

PJ: O Monika, eu vou fazer uma coisa que eu não sei... depois ela vai puxar a orelha. Você não quer contar sua história?

LM: Nossa, Pedro! Gente!

PJ: Conta aí: “Eu comecei em Manguinhos...” Se você disser: “Eu não gosto de...”

LM: Eu estou pensando a mesma coisa, Pedro! Eu estou pensando a mesma coisa. Eu pensei: “Se o Pedro não falar, eu vou falar depois em off eu vou falar...” a senhora tem que participar...

MB: Por que a próxima pergunta é sobre o que as mulheres fizeram no seu tempo em Manguinhos?

LM: A sua vida é muito primorosa! Muita história linda!

PJ: Um monte de história linda. Não precisa falar nada, você pega o microfone e diz: olha, eu estive aqui e tal. Contar isso, mostrar como as mulheres foram embarreiradas...

MB: Mais a linha da mulher?

LM: Isso. É.

PJ: A linha da mulher. É claro que a linha da mulher... quem começou esse lastro...

LM: É maravilhoso!

PJ: Claro, a gente está escolhendo pessoas que têm lastros.

MB: Que têm lastro.

PJ: Você seria maravilhosa, Monika.

LM: Porque inclusive a senhora...

PJ: Eu vou mandar o convite pra você.

LM: Vamos. Inclusive a senhora poderia, eu imagino, dar muito o seu depoimento, a sua fala, a sua experiência de como que é uma pessoa ser uma pesquisadora, uma doutora tão recente, tão jovem, e depois casar e ter filhos, e tem a coisa da maternidade, tem o profissional, como que é tudo isso...

PJ: Tem os entreves que...

LM: É, entendeu?

PJ: Tem um pessoal que não entende o momento que é da pesquisa pura para aplicada, como se houvesse diferença...

LM: Até hoje, até hoje ainda.

PJ: Você tem tanto pra falar...

LM: Muito.

PJ: Nós não ganhamos só essa coisa não...

LM: Nossa!

PJ: Você fazer parte no 2º semestre para contar uma história...

LM: A gente vai...

PJ: Quer dizer, você fala o que quiser...

MB: Ou vocês fazem os tópicos...

LM: Sim.

MB: O roteiro...

LM: a gente vai mandar pra você. Mas eu acho que é... eu acho que é uma experiência, uma vivência que as pessoas têm que conhecer.

MB: É, eu acho que elas têm que...

LM: As pessoas têm que conhecer.

MB: Eu aceito porque eu tenho que mostrar para eles...

LM: É o seu legado também.

MB: ... como eles hoje estão acomodados, não querem lutar. A nova geração já sabe tudo.

LM: É.

MB: Meus alunos... aqui dentro não, porque eu já não tenho mais alunos diretamente aqui, são todos da Debora. Por que eu era chefe, eu entreguei a chefia, mas eles não querem aprender. Eu quero ensinar a técnica: “Não, nós já sabemos.”. É tudo assim. Isso daqui a 10 anos vai repercutir. Tudo tem repercussão.

PJ: Que coisa boa, hein? Eu estou tão feliz, Monika!

LM: É.

PJ: Agora eu vou dizer uma coisa: o Schatzmayr... uma outra coisa, eu vou falar do trabalho. Hoje a gente vive sobre assédio, essas coisas todas, mas no trabalho é preciso que as pessoas também se encontrem, porque você vai encontrar o seu companheiro onde você convive.

LM: Onde você circula.

PJ: Então nós vamos fazer uma aula de introdução mostrando a importância das mulheres e no fim tem um o grupo que vai falar. Eu vou falar do elogio ao assédio. Você está trabalhando com alguém que você pode chegar e dizer: “Poxa, você está bonita hoje, está elegante!”

MB: É claro!

PJ: “O teu trabalho está maravilhoso!”

MB: A gente cai em outro extremo agora, é condenável, eu condeno isso.

PJ: Aí eu digo: olha, eu quero falar sobre isso, por que eu, nos últimos 10 anos, trabalhei com comportamento humano, dando num curso de mestrado sobre sexualidade humana. A gente precisa se orientar, está entendendo? Como é que as pessoas se encontram nas coisas...

MB: Olha, antigamente você andava na rua, o peão de obra assobiava atrás de você: fiu...

LM: É.

MB: A gente prosseguia... Depois fui para a Alemanha, ninguém assobiava.

PJ: Ah, isso você podia contar!

MB: Mas é verdade! A gente sente falta desse desafio.

LM: É.

PJ: Alguém está do seu lado e diz: puxa, que legal! “Seus olhos são bonitos”. Os olhos da Monika são lindos...

LM: Imagina!

PJ: Mas hoje eu tenho medo de dizer isso.

MB: Imagina essa mulher jovem, linda, bonita...

PJ: Não, eu imagino os assobios...

Monika, hoje eu tenho medo, está entendendo? De olhar e dizer alguma coisa. Para aluno não digo nada, nada! Para os familiares eu ainda digo alguma coisa, para os filhos eu digo: os seus olhos são bonitos. Você está elegante, e tal...

LM: Que vestido bonito.

PJ: Você rejuvenesceu, você não pode mais dizer isso.

MB: Não pode dizer isso.

PJ: E é no ambiente de trabalho...

LM: Isso é relacionamento humano...

PJ: É na universidade, no trabalho que as pessoas se encontram.

LM: É.

PJ: Se Encontram.

MB: Se encontra.

PJ: Se encontrem, e se não se encontrassem, nós não estaríamos aqui por que nós somos produto de encontros.

MB: Não, realmente nós estamos caindo num outro...

LM: No oposto.

MB: .... que uma colega... eu gosto muito dela até - ela disse assim... saú do laboratório, rodou essa frase, que podia me denunciar por assédio, mas que assédio?

LM: Assédio moral.

MB: Assédio por ter a pressão de ter que publicar. Assédio, moral.

LM: O José teve a seguinte situação. Ele resolveu se aposentar com briga. O José era brigão, meu irmão é brigão.

MB: É brigão.

PJ: Ele teve o seguinte caso no laboratório com uma pessoa que já não via há algum tempo, alguns anos.

LM: A pessoa simplesmente não vem trabalhar.

PJ: É. Aí ele...

LM: Ganha o seu salário...

PJ: Aí ele disse para ela: “Eu não consigo mais manter você no relatório, tal e etc.”.

LM: Não tem produção.

MB: Não tem nada.

LM: Não tem, gente!

PJ: Professor ainda.

LM: Isso é uma vergonha.

PJ: Ele teve que ir em juízo de assédio porque disse assim: “Ah, mas o ponto está assinado!” “Mas você tem uma portaria que...”

LM: A catraca.

PJ: A catraca, pela catraca você não entra.

MB: Eu tenho um assim também nessa situação, tirou a licença prêmio para não se aposentar, mas também não aparecia, mas...

PJ: Isso causou impacto, a gente é de uma certa idade! Teve que gastar dinheiro porque teve que constituir um advogado para defender, o cara cobrou 50 mil reais. Então você não pode chegar...

LM: Porque a Fiocruz também te abandona nessa hora.

PJ: É, ela não assume o que ela tem que fazer.

MB: Não assume. Não, não.

PJ: Bom, então eu...

LM: Eu acho que a gente poderia perguntar para ela um pouco como ela vê hoje a instituição.

PJ: Como vê a instituição.

LM: Como a senhora vê hoje a instituição...

MB: Querem saber mesmo?

LM: Como a senhora acha... queremos - Como a senhora acha que foi aproveitada ou não a sua participação, a sua pesquisa, qual a avaliação que a senhora tem disso?

MB: É muito difícil, porque eu sou uma pessoa que não se relaciona muito com a instituição, a minha relação é com a pesquisa.

LM: Entendi.

MB: Desde que ela me dê possibilidade de fazer pesquisa, ou nessa área, ou na outra área, ou em outra técnica, eu fico satisfeita, mas eu não luto; eu apanhei, mas eu não luto por uma instituição mais.

LM: Sim.

MB: Isso eu aprendi na UFRJ. Fui dois anos funcionária concursada de professor catedrático...

LM: Sim.

MB: E pedi demissão.

LM: É.

MB: É. Então lutar por uma instituição como eu fui destituída da chefia aqui! Cheguei aqui de manhã e tinha o diário oficial na minha mesa, sem aviso: “Monika, você não é mais chefe do laboratório, o seu DAS foi pra outra pessoa”, isto em 8 de janeiro de 2008. Eu disse: ah é?! Você vê, a instituição não luta por você. Eu disse: eu tenho que lutar por mim. Passei um ano vinculada ao laboratório da Dra. Elba Lemos. Ela foi legal comigo, eu era um anexo, não mudou nada, e depois a Fiocruz, o IOC me deu a chefia no novo credenciamento, mas uma chefia interna, é cargo de chefe, mas não é do MS. Então minha chefia DAS do Laboratório de Ultra-estrutura Viral que era, está agora com outra pessoa que, com o mesmo nome de chefe do Laboratório da Ultra-estrutura Viral, mas é em outra especialidade. Quer dizer, isso a instituição não muda para não perder o DAS, a gente

sabe dessas jogadas, mas isso causa a uma pessoa que é como eu que gosto de pesquisa, etc., e faz o certinho, causa repulsa.

LM: Sei.

MB: É um desgosto.

PJ: Um desgosto.

MB: Não tenho raiva não, é o sistema mesmo.

LM: É o sistema.

MB: Mas tristeza, desgosto...

PJ: Tem que ter muita força de vontade para ultrapassar esses pequenos desgostos.

MB: É. Eu respirei muito fundo aqui para passar por cima. Isso é uma coisa da instituição. Mas qualquer instituição é cruel. Ela pode ser boa por um lado e pode ser cruel. O Rocha Lagoa foi cruel.

LM: Foi cruel.

MB: De outro lado, não sei quem foi o administrador aqui dentro, nós fomos concursados, e reavaliados.

PJ: É, pra ser pra titular.

MB: É. Aí todos eles que não estavam ainda titulares, já eram funcionários públicos, mas estavam em categoria de assistente, etc., para subir, igualar conforme o currículo, já tinham publicações e tudo, então na comissão disseram, me contaram a história depois, e me disseram: não, a Monika, essa botânica, fica como está,... era o penúltimo nível o de adjunto na época.

LM: Sim.

MB: Disseram: “Não, já tem muito titular, já chega!” Aí levantou se o funcionário administrador da instituição aqui do IOC, Fiocruz na época. Junto com o Dr. Galvão falaram assim: “Espera aí! - o Dr. Pereira da Virologia até era contra mim - “estamos julgando um pesquisador ou um número de funcionários?”. “Não, um pesquisador, não tem dúvida.”. Aí passei para titular. Mas foi o administrador que me salvou contra os pesquisadores, contra muitos colegas na época.

PJ: Viver em comunidade é complicado, não é?

MB: A convivência é complicada. E uma pessoa que talvez eu nem conheci, dava um sorriso e tal, pergunta com vai, e pronto.

PJ: Os bichinhos, pólen etc., são amorosos, recebem a gente bem, a gente...

MB: é verdade.

PJ: Eu gostava de estudar animais. Puxa vida é outra coisa...

MB: Bem, como eu vejo a instituição?

LM: É.

MB: A instituição agora eu acho que ela... o Hermann já dizia isso, ela tem que quebrar um dia, ela tem que quebrar. Ela está grande demais, o aparelho administrativo no Brasil inchou, com as sucursais todas que sempre querem mais, são cargos, e cargos, e cargos, é dinheiro, dinheiro, e dinheiro, e hoje nossos aparelhos no IOC grande parte está toda quebrada, eu preciso consertar o microscópio eletrônico há dois anos, a Zeiss ofereceu, fez o kit tudo direitinho, 400 reais não existem disponíveis no IOC, não. Já fizemos vários requerimentos. Todos os aparelhos têm mais de 25 anos e a gente sabe, aparelho com mais de 20 anos...

MB: Gente, 20 anos é muita coisa. Até tem com 30 anos, microscópio eletrônico...

LM: Porque essas coisas desatualizam muito...

MB: Gastou, gastou. E não se compra outro. Então na instituição a situação é essa.

PJ: O Zé Paulo deu uma palestra para a gente e que disse: eu tenho 76 laboratórios, são 76 chefes para resolver e aí é muito difícil resolver qualquer coisa. Agora como é que você retorna a uma diminuição que possa ser administrada? Ele disse: Não posso, porque eu tenho que ouvir os 76 abrirem mão das suas prerrogativas e ninguém vai abrir mão de DAS... Não vai abrir, está entendendo? Não vai abrir.

MB: Não, mas tem muito velho que...

PJ: Sim, mas não vai abrir. Aí ele vai pra uma reunião e propõe uma coisa, 76 pessoas defendem cada um o seu e não tem acordo.

MB: Pois é. Você viu a última lista telefônica do IOC? Não.

LM: Não.

MB: é um documento. Saiu em dezembro de 2018, eu achei na rede, por acaso. Essa é a lista telefônica do Instituto Oswaldo Cruz.

LM: Nossa é imenso! Páginas e páginas, e páginas e páginas.

MB: Direção, tudo isso é direção... Pavilhão Rocha Lima... Aqui começam os laboratórios, são 72 laboratórios, e tem muitos laboratórios que são duas pessoas, uma pessoa, quatro pessoas, todo mundo quer ser chefe...

LM: É a base da nossa época...

MB: Então eu estou vendo. Bem, o instituto, quer dizer, o Instituto deveria permanecer com o nome que ele tem como Instituto Oswaldo Cruz, que é totalmente desvalorizado hoje aqui dentro da Fiocruz. Quando você pega os jovens, dizem... “eu sou da Fiocruz”. “Eu sou da Fiocruz”, “Sou da Fiocruz.”. “Não, você é do Instituto Oswaldo Cruz, dentro da Fiocruz.” “É a mesma coisa!” O nome é a Fiocruz. Eles botam o nome no meu trabalho: Monika Barth, Fiocruz... eu digo: é Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz.

LM: Hum-hum.

MB: Essa é a realidade nossa.

LM: Sim.

MB: Está desvalorizado. Não a pesquisa, o Instituto Oswaldo Cruz como pesquisa. A menor verba, eu sei do tempo do Hermann, dentro da Fiocruz quem menos recebia era o IOC, todas as outras instituições da Fiocruz recebiam mais, principalmente obras, administração, a gente sabe porque.

LM: Sim.

MB: Depois o Instituto Oswaldo Cruz, porque não tem retorno, quase não tem retorno. A não ser virtual, o nome. Porque hoje você quer equipamentos, quer insumos, quer isso, quer aquilo, não sei o que, então o gasto é grande e a recompensa para o instituto é muito pequena.

Então ele está meio desacreditado dentro da Fiocruz. Aí o Hermann sempre dizia: deveria quebrar essa Fiocruz, fica Biomanguinhos, fica Farmanguinhos, a Escola de Saúde Pública e o Instituto de Pesquisa, mas independentes, não mais na Fiocruz.

PJ: Mas você não acha que nesse momento de desprestígio que passa o instituto porque ele é custoso, porque tem 72 laboratórios etc., eu tenho medo se a gente quebrar – eu também penso - a gente morre.

MB: Morre.

LM: É.

MB: Morre porque... a gente morre porque... Não tem como, não tem que lute pela gente, não tem.

PJ: Não tem um sujeito, uma representatividade política no momento que às vezes fazem a intermediação política. A gente morre.

LM: Morre.

MB: Então não dá, não pode sair.

PJ: Eu tenho medo, eu tenho medo que nessa nova administração que está se apresentando eles dividam e quando dividir...

LM: E sobretudo eu acho que a gente está vivendo hoje nacionalmente um momento onde a formação, o estudo, a pesquisa, estão sendo sistematicamente desvalorizados. Com esse governo federal que entrou agora a gente vê isso o tempo todo. Zomba-se dos títulos: “Ah, essa coisa de estudar é muita coisa de esquerda! Ter mestrado e doutorado, é coisa de esquerda, não precisa disso.” Tudo o que as pessoas... ouvia de uma conhecida que é professora no CEFET, é professora de física, ela falou que nunca fez coisa igual. Ela chegou numa sala de aula e os alunos falando para ela assim: não, isso é opinião de Galileu.” “Opinião? Como assim?”

PJ: Teoria da evolução...

LM: Sabe, é uma teoria. Então isso é muito ruim, eu fico, o meu temor dessa certa separação é isso, mas eu também não vejo solução. Eu acho que foi uma coisa assim... eu não vou usar o termo irresponsável, mas é uma coisa desmedida esse crescimento

nacional da Fiocruz, esse monte de unidades que se teve ao longo do Brasil todo. Eu acho... sei lá, mas eu também não tenho a solução.

MB: Mais uma coisa. Vocês leram por acaso o discurso que está na rede pública? Eu dei de cara com isso porque eu fui abrir a página do CNPq. O novo presidente tomou posse 6ª feira, e o discurso dele... o José Paulo botou no Whatsapp: olha o presidente, o novo discurso dele, olha o que tem no discurso do presidente: que o SUS é o máximo, não sei o que, não sei o que... “Isso é a Fiocruz falando, o Zé Paulo copiou isso?” Eu estava com a página do CNPq aberta apareceu o discurso do novo presidente, João...

LM: Eu não sei também.

MB: Pois é. Aí eu fui ver o que é. Parei e fui ler. No primeiro parágrafo ele se apresentando, no segundo apresentando o CNPq que inchou estruturalmente, é muita gente, não estão dando conta, é muito chefe – aquela coisa - muito cacique, pouco índio – mais ou menos - falou isso; no terceiro parágrafo ele diz assim: a principal coisa que temos que fazer agora – vocês vão ler, está na rede – a principal coisa muito importante a fazer é a pesquisa básica, porque sem ela não tem aplicada, não tem nada. Eu caí de boca aberta. O Zé Paulo [José Paulo Gagliardi Leite, diretor do IOC] me bota na rede que ele falou que o SUS é melhor de tudo. O melhor de tudo que o presidente do CNPq falou é pesquisa básica. Eu só não vou... eu ia me indispor com o Zé Paulo, mas eu não sou... eu calo a boca.

LM: Hum-hum.

PJ: Monika, eu sei que você não é de briga, mas você tem um espírito tranquilo, porque no momento em que você tem esse seu discurso, vai se apresentar para os alunos contando só sua história. Eu acho que a gente não muda ninguém, a pessoa que se movimenta. Vai ouvir a sua história e vai dizer: eu vou por esse caminho, ou vou pro lado que é exitoso, que mostrou firmeza tal e tal, etc. Não é querendo mudar qualquer pessoa, ela vai pro lado que ela quer, mas a gente conta a nossa história esperando que alguém perceba e aí tenha alguma coisa que é importante. Aliás, você tem muita importância.

MB: Não é falta de crítica. É apresentando a ele televisão, Whatsapp, tudo que tem...

LM: É tudo muito rápido, especialmente muito rápido.

MB: Não julgam mais.

PJ: Você falou da Carlota, essas pessoas ainda estão vivas, você tem contato com alguma delas?

MB: A Carlota... aquele grupo lá que a gente se encontrava, queriam que o Hermann casasse com a Carlota.

PJ: Que a maneira que eu tenho encontrado as pessoas, você sabe que a administração não fornece nada de ninguém.

LM: Nossa! Não.

PJ: É proibido por lei.

MB: É verdade.

PJ: Você chega lá e diz: “Eu estou querendo saber o endereço...”

MB: Não dá não.

LM: Então eu tive muita dificuldade, está entendendo? Aí passou pela cabeça... Aí eu pergunto: “Não, eu tenho a pessoa que eu sei que está viva que em tal lugar.”. Aí eu vou lá e converso. Aí eu te pergunto: você sabe de alguém do nosso grupo?

MB: A Carlota...

PJ: Não, Carlota...

MB: Do nosso grupo que está aqui ainda dentro?

PJ: Quem?

MB: Delir

PJ: Delir, o Zé, o Leon, o Ernesto Hoffer.

MB: Ernesto também é dos antigos. Tem a Iara?

PJ: Mas a Iara eu acho que é recente.

MB: Quem era do nosso grupo? A Dirce morreu. A Carlota, não sei, a Carlota depois como não conseguiu casar com Hermann S., ela não conseguia arranjar casamento, ela casou com outro que queria casar comigo, o Vantuil.

PJ: Vantuil, do IOC na época.

LM: Ham? Outra vez?

MB: Ele também. Eu fazia escalada, montanhismo. Então ia pro Centro Excursionista Brasileiro, no Largo da Carioca, e ele ia comigo para o centro da cidade, a gente ia comer uma pizza, eu estava sem dinheiro ele pagava; depois ele ia pro centro e eu ia pra casa, mas eu não queria casar com ele, mas eu achava interessante o que ele contava da fazenda dele, onde ele foi criado, então isso pra mim era uma coisa exótica...

LM: Ham, ham.

MB: Entendeu? Aí o Vantuil casou com a Carlota, eles tiveram acho que uma menina.

PJ: Mas você não sabe se...

MB: Não sei. Me disseram que o Vantuil morreu, já há mais tempo, porque na minha cabeça eu já estaria viúva se eu tivesse casado com o Vantuil, então...

PJ: Se você lembrar de alguém...

MB: Tinha uma chamada Maria Luiza, não tinha?

LM: Maria Lucia Taylor.

PJ: Taylor. Outro é um rapaz, acho que era Artur.

MB: Artur?

PJ: Tinha um Artur?

MB: Está na hora?

LM: A senhora é dona do tempo...

PJ: Eu não sei se estou mais satisfeito por seu depoimento ou você ter aceito...

MB: Eu estou com as duas coisas...

PJ: E olha, eu vou te dizer, você além de supersimpática tem uns olhos lindos.

LM: É.

MB: E não é assédio.

PJ: Não é assédio, pelo amor de Deus!

LM: Muito obrigada pela entrevista, doutora.

MB: Quando me convidar para fazer uma palestra...

LM: Isso.

MB: Faz um roteirinho para a gente não fugir.

LM: Não, pode deixar.

PJ: As pessoas que vão participar para você ter uma idéia do que...

MB: Porque é muita história eu tenho que selecionar.

LM: Obrigada, doutora.